



Venao o por do sol

(Cliché da Phot. Belleza).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR & EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador.
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 280

Braga, 9 de novembro de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario. —2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes). —3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

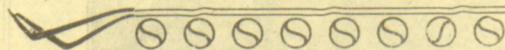
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de 5.º Cento de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

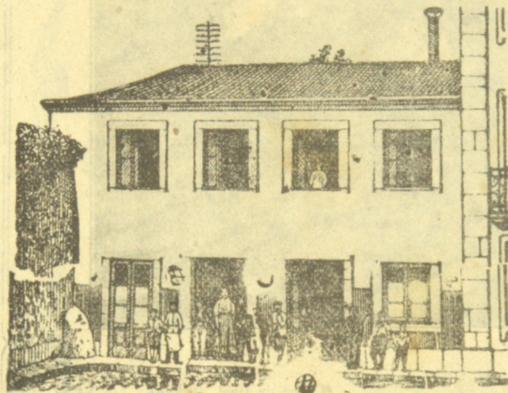
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com apatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retredo do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



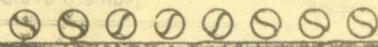
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

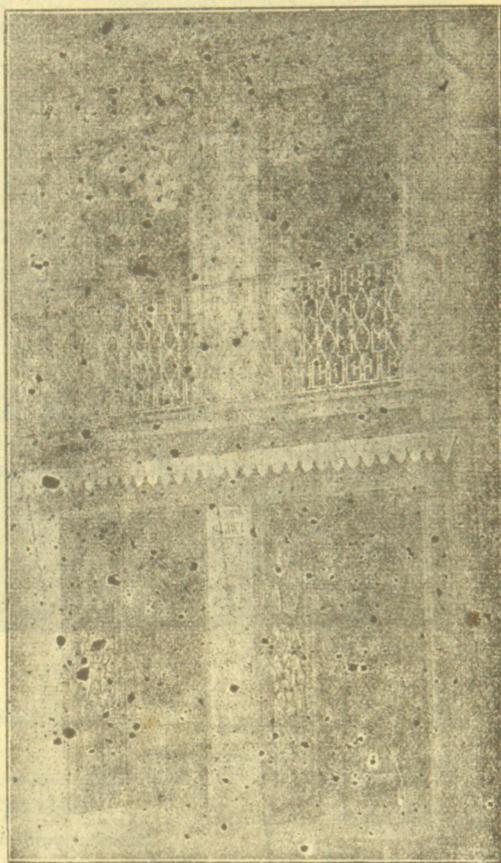
Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALL ANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

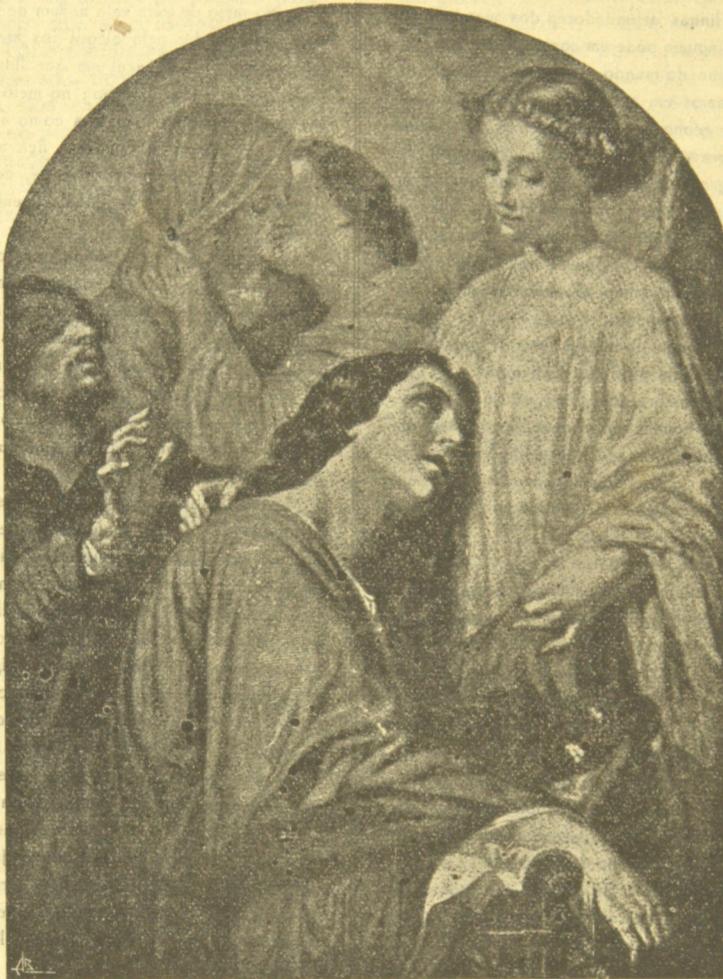
Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 9 de Novembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 280—Anno VI



Bemaventurados os que choram

(Quadro de G. Lanhele).

Vamos a vêr...



Desolabre anarchico em que tombou o edificio argamassado e levantado pela Allemanha influencia muito mais profundamente que a revolução moscovita, a velha Europa e a juvenil America do Norte.

Está acontecendo o mesmo que o desabamento d'uma grande viga de supporte d'um vastissimo salão: o tecto fica prestes a vir abaixo, a caliza esborôa-se e ha panico nos moradores.

Sente-se que subimos todos a uma das grandes épocas historicas do mundo, e os que não crêem ainda que d'ella não vae partir para as planuras d'um progresso delirante uma civilização inédita, podem no entanto acreditar que o mundo politico d'aqui a trez annos, entrevisto até, simplesmente pelas côres e linhas delimitadoras dos mapps, vae offerecer... E aqui ninguem pôde em consciencia e sciencia, fazer descripção alguma do mundo politico d'amanhã!

Nos restrictos meios em que este problema, que traz atrelados a si outros, economicos e financeiros, não menos graves, senão mais graves ainda, se agita, as hypotheses apainelam-se, como grandes esboços d'estatuas que o publico imagina impossiveis ao escopro e ao cinzel. Todas ellas se assignalam por uns toques accentuados de maravilhoso. Um engenheiro pinta-nos cyclópicas officinas que nossos pávidos olhos observam como se proferissem um *oh!* de immenso e inconcebido espanto.

Um jurista engafa deante de nós os fusis de uma cadeia de raciocinios que derrubam o direito tradicional.

Um philosopho deslumbra-nos com systemas, atravez de cujo emmaranhado o homem passa respirando e aspirando a largos folegos as paradisiacas bafagens da felicidade almejada, qualquer coisa como aquelle amor fraterno que Emerson dizia ser mathematicamente justo como os termos d'uma equação algébrica...

Veem depois os grandes debates.

Aqui sobre cem volumes, um estudioso affirma que a onda democratica, rugidora, empoláda pelos assôpros das reclamações das massas operarias que ascendem pelas escaleiras do poder a impôr os seus *ultimatuns* aos governos e a repetir a pagina celebre de Gavarni *L'Etat c'est moi!* que essa onda vae galgar o mundo como as do mar galgam os paredões dos molhes.

Alli, sobre outros cem volumes, outro garante que no mesmo theatro da fragédia humana acabou o ultimo acto do pandemonio liberalista de todos os radicalismos infrênes, ou que está quasi a descer o panno de boeca sobre o prosencio; que as realezas vão exsurgir do cáos, vencedoras da fallencia dos ideaes que as derrubâram, no fragor de 89: que os povos reconhecêram que andaram demais, do que podiam, para fóra do seu natural, e que teem de regressar aos limites d'elle, para viverem, visto que cada um é para o

que nasceu. A Ordem vae deitar abaixo a estatua do porto de Brooklyn e apagar os elogios escriptos nas cousas dos homens que ha um século modificaram, n'uma baralha immensa, o estabelecido em tradições velustas.

Ha com aquelle, quem sonhe com o advento do communismo. Ha com este quem sorria ante a visão renascente dos quadros mediévos ou dos parques do Trianon e do tempo das pompas realengas, de aureos sceptros em fulgidos *Te-Deums*. Ha excessivos em todas as opiniões... Como são no geral esses os audaciosos, d'ahi o dizer-se que são precisos para que as ideias caminhem. Eu detêsto-os, porque, com a Igreja, desadoro os fanáticos adulteradores de tudo, insupportaveis em discussões, e insubmissamente vaidosos.

No meio de toda esta nuvem de hypotheses, de sonhos, uns enrubescidos pelo alcool dos *meetings* socialistas, outros adoçados pelo azul em que fluem os gloriosos espectros do passado soberbo; no meio de todas estas hypotheses em que nós figuramos como aquelles pequeninos figurões da satyra de Gulliver; fica a gente a não saber a que mais ater-se, e a resolver-se, como o outro, a pôr-se de capa e aguardar os acontecimentos, para não dar em doido.

— Que isto mûda, mûda, mas como e para o quê... Olhe: o melhor é não perdermos tempo

Estes, os que tal deliberam são as Parcas que cortam o fio das discussões, e desbancam os que dão ala e gaita a todas as hypotheses, ainda as mais inverosimeis, esses são os *práticos*, que não querem comprometter-se, nem sequer a pensar n'isto ou n'aquillo. Teem o ideal terra-a-terra do livro de contas, que permite quando muito um cálculo até ao fim do mez.

Mas tambem erram... E' vêr ahi os açambarcadores atralhados com os montões de generos e fazendas cuja descida de preço lhes causará a ruina! Calculáram mal. E tudo afinal é questão de cálculo, como no jogo...

Eu creio na sinceridade d'aquelle afflicto que ao saber que a paz *está pra breve*, (como se dizia da revolução realista nos tempos, em que a enorme figura moral de Couceiro de balde batia às portas do paiz comprometido com elle a levantar-se) ao saber isso, exclamou raivoso:

— Má rais partam os allemães! Sempre podiam esticar a guerra por mais um anno! Assim lá vae o negocio!

Em contraposição, anda a minha cosinheira a resplandecer de gôso, e a perguntar ao mercieiro quando vem o arroz para mais barato. E o homem já lhe disse que não lhe fizêsse mais perguntas d'aquellas porque é cardiaco, sica fóra de si, e não o tendo levado a pneumónica, não quer reventar de susto, e fazer tanta falta aos seus queridos freguezes.

F. V.



VIDA INTENSA



Por J. de Faria Machado.

Paz?...

APESAR da guerra tocar os seus limites, ainda se não viveram as ultimas surpresas. Caminha-se para a Paz não pelo esgotamento dos exercitos mas pelo seu desmembramento natural. No dia em que o Kaiser se manifestou publicamente pela necessidade de aceitar a paz americana o Kaiser perdeu o seu prestigio e o invencivel *Loengrin da Morte*, o forte e valoroso envenenado do Graal, passou a ser visto e considerado com um simples homensinho de Deus.

Os idolos tem a sua sorte liquidada no dia cruel em que os acasos da vida os fazem ver despídos da lenda e do sonho do mesmo fragil e humanissimo barro dos seus idolatras. Ora o Kaiser invencivel tinha fanaticos nos seus aliados e era esse fanatismo uma das fortes rasões d'unidade e força dos exercitos centraes. Mas esse prestigio foi-se perdendo, essa força foi-se aniquilando e começaram a pesar os interesses d'ordem pessoal, cotejaram-se os mais fieis, mediu-se a latitude dos esforços e das compensações, e, então irrompeu de toda a parte o grito da rebelião e todos trataram de si. A Austria soffre já as consequencias d'essa tragica erupção, e precipita-se para a paz empurrada pelo ruir tenebroso do seu imperialismo. A aza negra dos Hadsburgos adeja presaga sobre os destinos da dynastia. Não é o canhão quem vence é a decomposição quem triumpha.

Os centraes não se rendem á ponta das bayonetas; submettem-se ao *elan* das circunstancias, a obra invencivel do acaso, aos effeitos tragicos d'uma revolução que o internacionalismo matiou durante annos e que agora mercê de determinadas causas de momento, irrompe feroz. A Allemanha resiste ainda a esta onda e resiste precisamente, porque ainda não foi possivel despir Guilherme II do seu manto de phantastica divindade e serão ainda os restos extremes, do seu prestigio já abalado, quem aguentará a unidade da confederação.

A Prussia é que liquida... Foi cedendo, cedendo, durante estes amargos annos de luta, em poder e força e vê-se agora na triste situação de quem abriu demasiado as mãos. Os pequenos estados confederados conquistaram o

dominio e jamais se deixarão submeter. Entretanto é menos de reear o desmembramento da Allemanha que a decomposição da Austria se os aliados no seu proprio interesse lhe não vallem e põem dique á obra dissolvente e de sapa da maçonaria. Como bem dizia, ha dias, o meu querido companheiro da mocidade e do exilio, o meu querido Alberto Pinheiro Torres, grande e desassombrada figura de catholico e de pensador a quem a patria tanto deve, no seu brilhante artigo da 'Liberdade,' apontando a jornada sagrada de Bainville na *Accion Francaise*, ai de nós, se nós esquecemos que os heroes da guerra são catholicos, que a grande figura moral é Mercier e que só a elles os aliados devem o triumpho para que não ajudem a Austria ameaçada, na sua obra de salvação.

Ai de nós! se não tiramos da guerra os duros ensinamentos da adversidade e procuramos mudar por completo os nossos processos politicos. A propria Inglaterra, se não se defende a tempo, verá dentro de pouco a sua integridade ameaçada com as convulsões tremendas da sua questão social, que transigencias sem conta, durante estes annos de guerra, agravaram sinistramente. As rebeliões de Praga e de Budapest são a paga onerosa da sublevação da Irlanda, mas nas horas de paz a Irlanda ha-de de novo hastear o seu pendão de revolta. Por toda a parte as consequencias da paz serão mais duras de supportar que as horas mais graves de guerra.

Por isso eu dizia, sem alludir á possivel resistencia que a Allemanha, mesmo abandonada vae offerecer aos seus adversarios, que o tempo nos reserva n'estes ultimos provaveis dias de guerra surpresas e commoções. Salvo o imprevisto que n'esta guerra tragica tem sido o fiel regulador de todos os factos, novembro reserva-nos ineditos acontecimentos de sangue e de convulsão. A não ser que a Inglaterra, a quem repugna por naturaes interesses commerciaes e politicos uma paz americana, se entenda com o gabinete de Berlim.

E então pobres dos pequenos!... Nem a pelle... Seria monstruoso mas não seria d'extranhar... Mas terá tempo? A America domina, impõe-se e... vencerá.





SERÕES AMENOS



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORGES DA FALPIERRA.

LXI

Diccionario enygmatico.

XVIII

No lugar onde nasci
E' que desejo morrer.
E o meu maior amigo
Nunca me deseja ver.

XIX

Ando toda matizada
De lindas, diversas côres.
Se me apraz, entre mil flôres,
Passo a vida socegada,
Sou às vezes maltratada
Por força da sorte impia:
Invencível sympathia
Melhor me fôra não ver,
Que mais tempo duraria.

XX

Sou refresco saboroso
E na flôr da terra habito.
Sou um verde bem bonito,
E quem me tem vive afflicto.

XXI

Por conta, peso e medida,
Vivo muito desejado:
Em pontos de tratamento
Sou bastante delicado.

Negocios, jornadas, tudo
Ajustado e prometido,
Raras vezes, se conclue
Sem que eu seja ali ouvido.

De doze irmãs sou amparo,
Recolhidas e donzellas,
Que, por mudas, não se explicam,
Eu é que fallo por ellas.

XXII

Eu tenho um prestimo só,
E sou por isso estimada.
Tenho um demónio a servir-me,
Sem elle não posso nada.

Traço sempre um cão commigo,
Não para que me defenda.
Meu dono se põe á mira
Quando mostro minha prenda.

Não provo nenhuma carne,
Bem que m'a vejam buscando.
Como uma colher de grão
Com que fico arrebrandando.

XXIII

Eu sou velha, não o nego,
E o inverno me faz cega.
Os olhos me vêm no verão.
Tenho um filho por brazão
Que a muita gente faz perder
Honra brio consid'ração.

Um velho amigo — fãõ amigo nem deixou de o ser
ainda, apesar da sempre adiada resposta ás suas cartas! —
mandou-me tambem algumas tiras de enygmata e adivinhas.
Por ora, respigarei algumas d'este contribuinte.

I

Ha muitos irmãos,
Espalhados pelo mundo.
Uns tem c'róa outros, tem fundo.
Não são toucas
Nem fitas de enfeitar;
Põem-se na cabeça
Que é o seu logar.

II

No meu toda tenho cara.
Somos mais do que um.
Das damas fomos o luxo
Já hoje pouco commum.

III

Era uma mansão ditosa
Duas fizeram jornada.
Uma feia e engraçada
Outra fria, mas formosa.
Uma tem mãe poderosa,
Outra pae de esphera inteira.
E elegando sem canseira
Aonde a fortuna se chama,
Uma ali ficou por dama,
E outra por cozinheira.

IV

Foi meu pae quem me formou,
Eu formei minha mulher.
Minha mãe ha-de nascer
D'entre os filhos que eu tiver.

V

Acompanhara sempre o rio
Da nascente até ao mar
E dos rios fazem parte
Sem poderem nelle entrar.
Mas muito é p'ra admirar
Que entrem em todo o navio
Não podem entrar no mar.
Consultem o seu relógio
E lá estarão, afinal.
Acham-se no torpe vicio
E até no peño mortal.

VI

Passava, mas não passou,
Porque passou quem passou.
Se não passa quem passou
Passava, mas não passou.

VII

E' como um folle,
Numas partes dura
Noutras partes molle.
E' terrestre e é marinho
Duro no lombo, macio no foinho

VIII

Numa cova funda e estreita
Uma bicha está mettida.
Quando sae a fazer mal.
Deixa a pelle e vac, despida.

IX

No mundo não ha quem posse
Sem elle um pouco existir.
Não olhes, pois não o vês
Embora o possas sentir.

X

Metade mede,
Metade canta;
A primeira fede,
O todo encanta.

UMA PAGINA D'ARTE

por Manoel Semblano.

Eleonora Duse.



Sarah triumphava na Italia, como uma estrella de primeira grandeza, quando Eleonora Duse, inteiramente desconhecida do grande publico, fazia parte d'uma modesta companhia de Turim. Dedicava-se de preferencia ao theatro de Sardou, revivendo as suas heroínas com uma verdade pujante e inegualvel.

Schurmann ficou surprehendido. Acabava de encontrar, inesperadamente, a mulher que o seu instincto de empresario procurava ha muito. Offereceu-lhe logo tudo quanto um espirito feminino pode ambicionar: vestidos sumptuosos, joias esplendidas, uma vida deslumbrante. Eleonora Duse sorriu... Que lhe importava, a ella, tudo isso? Offereceu-lhe tambem, depois da riqueza, o triumpho e a gloria. Mas a Duse teve medo... e recusou.

Algum tempo depois reencontravam-se. Então ella consentiu em fazer uma *tournée* de experiencia na Hollanda, na Belgica e na Allemanha, começando em Amsterdam com a *Dama das Camélias*. A estreia foi o successo mais retumbante do theatro moderno. Nunca mulher alguma comprehendeu melhor a dignidade da sua arte. Absolutamente desinteressada, sem preoccupações de fortuna, não querendo ouvir sequer fallar em dinheiro, Eleonora Duse é o typo mais perfeito da comediante e da tragica. D'uma compleição finissima, d'uma verbosidade extrema, d'uma sensibilidade inaudita, renovou completamente os processos classicos, aboliu tudo o que era convencional, e, n'um vôo purissimo de genio, fez do grande soffrimento humano a mais gloriosa e intensa encarnação.

Quando as outras comediantes sorriem, a sua alegria, embora natural, é uma alegria de momento. Quando choram, as suas lagrimas são falsas. E quando se deixam arrastar por um desespero sem nome, esse desespero não lhes crava na alma a garra profundo, que restringe e despedaça...

Ella não. Estuda o seu papel, a ponto de illudir-se. Vae-se apropriando de todos os pormenores. Transforma-se. Depois, no dia da representação, vae para o camarim, encerra-se lá dentro, não falla a ninguém... Vive n'um mundo à parte.

Já não é a Duse — e nem ella propria se reconhece. E' successivamente a mulher aviltada e a mulher sublime — a mulher que perde, e mulher que salva... E' a *Dama das Camélias*, *Magda*, *La Locandiera*, todas as heroínas e todas as maltrapilhas, umas vezes a maior santa, outras vezes a maior desgraçada...

O seu amor, o seu ciume, o seu desprezo, o seu arrependimento, as suas lagrimas são reaes...

E no fim do espectáculo, insensivel aos applausos e às flôres, os nervos vibrando ainda, a commoção prendendo-lhe a voz, retira-se sósnha, adoce, precisa d'uns dias de descanso para convalescer... e para depois, já resignada, recommençar eternamente a sua gloria e o seu martyrio.

Desalento

Quando volto os meus olhos ao Passado,
(Todo um passado de ventura immensa)
E vejo agora a atroz, cruel indif'rença
Que tens por este peito inconsolado :

Quando lembro esse meu viver sagrado,
Em que a alma ignorava a noite densa...
— Sinto desaparecer em mim a Crença,
A Fé, a Esp'rança e tudo o que hei sonhado! ...

Amar! — P'ra que seguir do amor a senda,
Se na Vida não ha quem nos comprehenda,
Se na Vida não ha quem 'tenha amor?!

Amar! Crêr no amor! — Amar para quê?
Se o amor no proprio amor nos mata a fê?!
Se quem ama só vive para a Dôr?!

Setembro de 1918.

Antonio Vaz Pinto.

Flôr

Murcha uma flôr: quem a chora?
Nem a propria mariposa
Quer já saber d'essa rosa,
Que nascera com a aurora.

Em viço, quem não a adora
E seu perfume não gosa?
E' tão linda e tão mimosa...
Mas, ai d'ella! se descora...

D'essa flôr que nos enleva,
— Mal desbota, mal descae —
Folha a folha o vento leva.

Por céus e valles, sem dó,
Leva-a o vento e, assim, vae,
Tê se desfazer em pó! ...

Francisco Sequeira.

AMOR!

(Confo de Guy Maupassant)

AQUELLE anno, pelos fins do outo-
mno, os frios chegaram bruscamente
e fui chamado por um de meus primos,
Carlos de Rauville, a fim de ir com elle
matar patos às lagoas, de madrugada.

Meu primo, um rapagão de quarenta annos,
de cabelo ruivo, fortissimo, barbado, fidalgo
de provincia, entre rude e amavel, mas de animo
alegre e dotado d'aquella bôa graça que

va como se fôra um parque. Atravez da im-
mensa floresta de cannaviaes que o cobria e
lhe dava vida, rumor, e ondeação, haviam sido
traçadas estreitas avenidas onde barcas de fun-
do chato conduzidas e dirigidas à vâra, passa-
vam mudas sobre as aguas mortas, roçavam os
juncos, faziam fugir rapidos peixes por entre as
hervas, e mergulhar gallinhas d'agua, cuja ca-
beça prêta e ponteaguda desaparecia brusca-
mente.



Lisboa — O povo sahindo da igreja de S. Luiz depois do solemne Te-Deum
em acção de graças por ter terminado a guerra.

torna attrahente a mediocridade, morava n'uma
espécie de quinta apalaçada n'um largo valle
por onde corria um ribeirinho. Mattas cobriam
as collinas, á direita e á esquerda, velhas mattas
senhoriaes onde perduravam arvores magnificas
e se encontrava a mais rara caça de penna de
toda a França.

No valle, havia grandes pastos regados e
separados por sêbes; depois, mais ao longe, o
ribeirinho canalizado até elles, espriava-se
n'um charco vastissimo. Era aqui a mais admi-
ravel região venatoria que jamais vi, e fazia to-
da a preocupação de meu primo que a tracta-

Nada é mais perturbante, mais inquietante,
mais terrivel, por vezes, do que um pantano.
Porque, este mêdo que paira sobre essas pla-
nicies baixas cobertas d'agua? São os vagos
rumores dos cannaviaes, os extranhos fôgos fâ-
tuos, o profundo silencio que as envolve nas
noites quentes, ou as brumas caprichosas, que
se arrastam sobre os juncaes como vestidos de
mortas, ou ainda o imperceptivel estalido, a
agitação, tão lêve e dôce umas vezes, outras
tão terrificante que faz assemelhar os pantanos
a paizes de sonho, a paizes temiveis occultan-
do um segredo incognoscivel e perigoso?

Cheguei a casa de meu primo de tarde. Gelava a rachar pedras.

Durante o jantar, na grande sala de jantar cujos aparadores, paredes e tecto estavam cobertos de aves empalhadas, de azas abertas ou debruçadas sobre galhos, seguras a prégos: gaviões, garças reaes, mochos, engole-ventos, butios, treços abutres, falcões; meu primo, semelhante tambem a um extraordinario animal de regiões frias, vestido com uma jaquêta de pelle de phoca, contava-me as suas disposições para aquella mesma noite.

Devíamos partir às trez e meia da madrugada, para chegarmos às quatro e meia ao sitio escolhido para a nossa espera de caça. Ha-

Engolidas duas chavenas de café a ferver, seguidas de dois calix de fino champagne, partimos, acompanhados por um guarda e pelos cães: o *Mergulhador* e o *Pierrot*. Logo aos primeiros passos fóra de casa, me senti gelado até aos ossos. Era uma d'estas noites em que a terra parece morta de frio. O ar, gelado, torna-se resistente, palpavel, de tanta dôr que causa; nenhum sôpro o agita; coagulou-se, immovel; morde, trespassa, resécca, mata as arvôres, as plantas, os insectos, as proprias ave-sinhas que cahem dos ramos sobre a terra dura e se tornam duras tambem, como ella, sob o abraço do frio.

A lua, no ultimo quarto, toda inclinada para



Lisboa — O ministro da Belgica, (1) o ministro da França (2) e os chefes das missões militares após as solemnidades religiosas realizadas na egreja de S. Luiz.

via sido construido aqui uma cabana com pedaços de gelo para nos abrigar um pouco contra o vento terrivel que precede o repontar da luz, vento carregado de frios que retalham a carne como serras, cortam-na como laminas, picam-na como agulhões envenenados, forcem-na como tenazes e queimam-na como fogo!

Meu primo esfregava as mãos.

— Nunca vi geada como esta, dizia elle; já tinhamos doze grãos abaixo de zero às seis da tarde. Metti-me na cama logo no fim do jantar e dormi ao clarão de uma grande fogueira accêsa chaminé do quarto.

Ao bater das trez horas levantei-me. Vesti por minha vez uma pellica de ovelha e fui encontrar a meu primo Carlos com uma de urso.

a direita, muito pallida, parecia desfallecer no meio do espaço, e tão fraca que não podia andar e ficava lá no alto, prêsa, paralyzada tambem pelo rigôr dos céos. Espalhava uma luz secca e triste sobre o mundo, aquelle claror moribundo e descórado que cada mez nos lança, ao findar a sua resurreição.

Iamos ao lado um do outro, Carlos e eu, as costas curvadas, as mãos nos bolsos e as espingardas debaixo do braço. O calçado envolto em lâ, para poder caminhar sem escorregar sobre o ribeiro gelado, não fazia ruido; e eu via o esfumaçar branco que fazia o álito dos cães.

Depressa chegamos às margens da lagôa e mettemos por uma das âleas de cannaviaes sec-

cos que avançava a través d'aquella baixa floresta.

Os nossos cotovellos amarfanhando as folhas compridas como laços deixavam a través de nós um leve ruído, e senti-me empolgado pela poderosa emoção que em mim sempre fazem nascer todos os pantanos. Aquelle estava morto, morto de frio, pois caminhavamos sobre todo o seu povo de juncos resequidos.

De repente na volta d'uma das âleas, vi a cabana de gelo que havia sido construída para nos abrigar. Entrei n'ella, e como tivessemos ainda cêrca de uma hora á espera do acordar das aves errantes, enrolei-me no meu agasalho para tentar aquecer-me.

furada no tecto para sahir o fumo; e quando a chamma vermelha subiu ao longo dos tabiques claros de crystal, começaram estes a fundir-se, docemente, como se aquellas pedras de gelo tivessem suado. Carlos, fora de si, bradou-me:

— Anda vê!

Sahi e fiquei estacado de espanto. A nossa cabana, em forma de cône, tinha o ar d'um monstruoso diamante com um coração de fogo, subitamente empolado sobre a agua gelada da lagôa! E dentro viam-se dois vultos, phantásticos, os dos cães que se aqueciam!

Mas um grito exquisito, um grito perdido, um grito errante passou sobre as nossas cabe-



Lisboa — A manifestação ás legações dos paizes alliados passando na rua do Arsenal em direcção a Belem a saudar o Chefe do Estado.

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

Então, deitado de costas, puz-me a olhar para a lua, deformada, que tinha quatro côrnos a través das paredes vagamente transparentes d'aquella casa polar.

Mas o frio do pantano gelado, o frio d'aquellas paredes, o frio cahido do firmamento penetrou-me depressa e de tal e tão terrivel maneira que comecei a tossir.

Meu primo Carlos inquietou-se.

— Tanto peor para nós se hoje não matamos coisa que valha, disse elle, não quero que te constipes, vamos accender uma fogueira.

E deu ordem ao guarda de cortar cannas. Fez-se um montão d'ellas no meio da cabana,

as. O clarão da fogueira acordava as aves selváticas.

Nada me commove tanto como esse primeiro clamor da vida que se não vê e que corre no ar sombrio tão depressa, tão longe, antes que surja no horizonte a primeira claridade dos dias de inverno. Parece-me áquella hora glacial da alvorada, que esse grito fugitivo, levado pelas pennas d'um animal, é um suspiro da alma do mundo. Carlos dizia:

— Apaga a fogueira. Eis a aurora.

O céu com effeito começa de empallidecer, e bandos de patos, arrastavam-se como rápidas manchas, em breve apagadas, sobre o fir-

mamento. Um clarão abriu-sena noite: Carlos acabava de disparar e os dois cães largaram desfilados. Então, de minuto a minuto, ora elle ora eu, atiravamos vivamente, mal aparecia por cima dos cannaviaes a sombra d'uma tribu voadora. E o *Pierrot* e o *Mergulhador*, esbofados e contentes, traziam-nos animaes ensanguentados cujo olhar por vezes nos fitava ainda suplicante.

O dia levantára-se, um dia claro e azul; o sol apparecia no fundo do valle e já pensavamos em tornar a partir quando duas aves, pescoço direito e azas estendidas deslisaram bruscamente por cima das nossas cabeças. Foi fogo. Uma cahiu-me aos pés. Era um germano, de ventre prateado.

No espaço então, por cima de mim, uma voz, uma voz de ave, gritou. Foi um curto, repetido, mas dilacerante lamento; e o animal, o animalsinho poupado, poz-se a girar no azul do céu, por cima de nós, olhando a companheira morta que eu segurava nas mãos.

Carlos, de joelhos, espingarda ao hombro, olhar ardente, espreitava-a, esperando que chegasse mais perto.

— Mataste a fêmea, disse, o macho já não sáe d'aqui.

Com effeito elle não se ia embora; volteava sempre e chorava em redor de nós. Jamais gemidos de soffrimentos me rasgou o coração csmo o chamamento desolado, como a censura lamentosa d'aquelle pobre animal perdido no espaço.

A's vezes, fugia sob a ameaça da espingarda que lhe seguia o vôo, parecia prestes a retomar caminho, só, atravez do céu.

Mas nunca se decidindo, voltava em busca da fêmea.

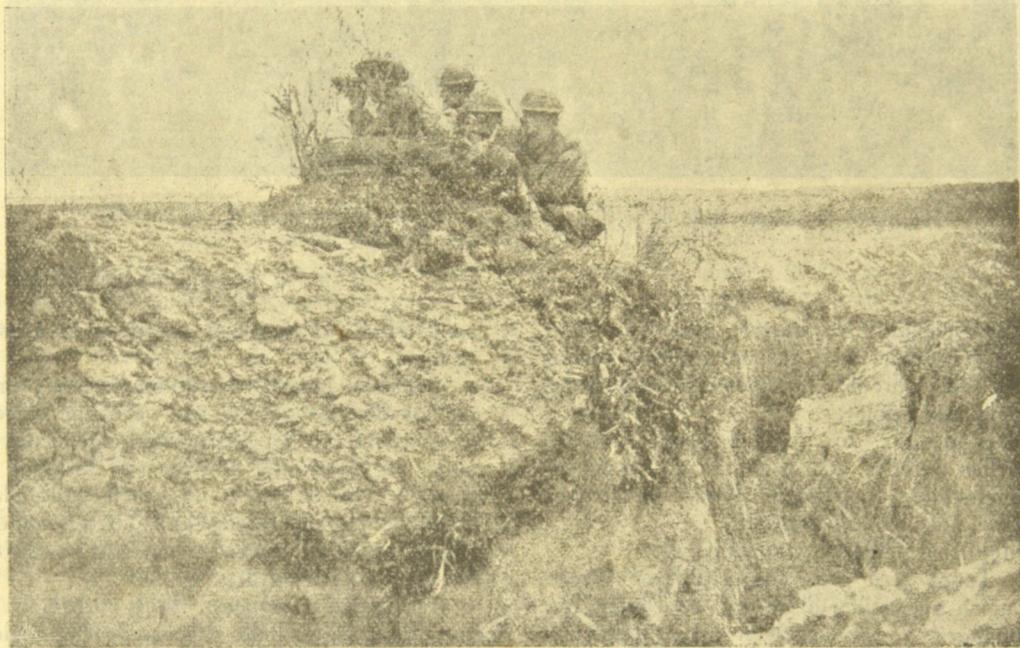
— Deita-a ao chão, disse-me Carlos, elle não tardará a aproximar-se.

De facto, aproximára-se, desprezando o perigo, enlouquecido de amor, do seu amor de animal pelo outro animal que eu matara!

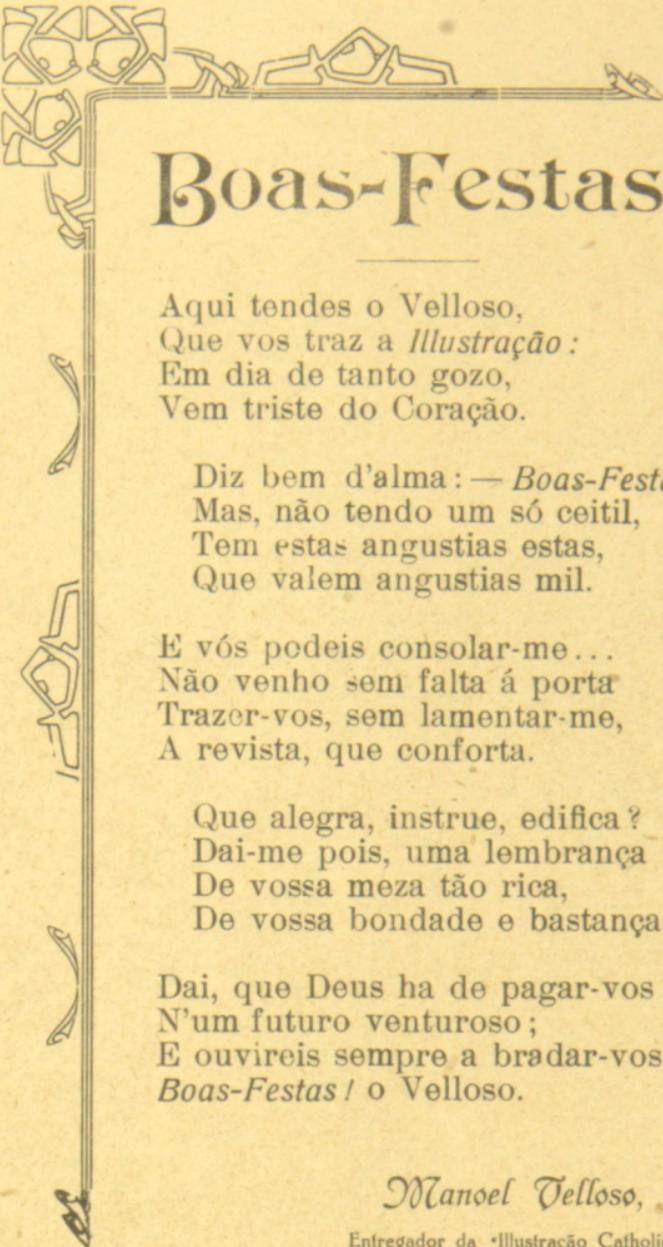
Carlos atirou: foi como se tivesse cortado a corda que suspendia a ave. Vi uma coisa escura que cahia; ouvi sobre os cannaviaes o rumor d'uma quedá. E *Pierrot* trouxe-m'o á mão.

Metti-os a ambos já frios, na mesmo sacco... e n'aquelle mesmo dia regressei a Paris

GUERRA EUROPEIA



Officiaes e jornalistas inglezes examinando o campo do inimigo.



Boas-Festas!

Aqui tendes o Velloso,
Que vos traz a *Illustração* :
Em dia de tanto gozo,
Vem triste do Coração.

Diz bem d'alma : — *Boas-Festas!*
Mas, não tendo um só ceitil,
Tem estas angustias estas,
Que valem angustias mil.

E vós podeis consolar-me...
Não venho sem falta á porta
Trazer-vos, sem lamentar-me,
A revista, que conforta.

Que alegre, instrue, edifica?
Dai-me pois, uma lembrança
De vossa meza tão rica,
De vossa bondade e bastança.

Dai, que Deus ha de pagar-vos
N'um futuro venturoso ;
E ouvireis sempre a bradar-vos :
Boas-Festas! o Velloso.

Manoel Velloso,

Entregador da *Illustração Catholica*.



O rei Jorge V, de Inglaterra, passando revista às tropas australianas em Londres.



Soldados allemães capturados pelos francezes.

Missões de Angola



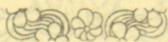
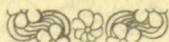
As meninas Rosa e Isaura Cassagne.



A menina Gloria de Jesus Pita Grós.

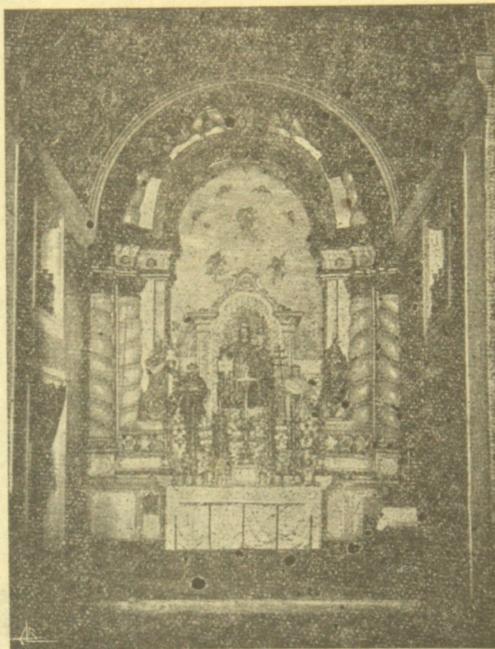


As meninas Ernestina e Maria Dulce da Camara Pires.



NO mez de Julho d'este anno realisou-se em Loanda a encantadora festa da 1.^a communhão da parochia do Carmo, a mais populosa freguesia da cidade. Celébrava-se nesse mesmo dia a festa da padroeira. A Igreja encheu-se de fiéis e um numerozo grupo de crianças dos dois sexos recebeu nesse grande dia o Pão dos Anjos. Damos algumas photographias de algumas meninas neo-commungantes, que se photographaram com a sua veste festiva.

As crianças foram preparadas pelo Reverendo Parocho, Conego Manuel Rebelo, antigo superior das missões de S. Salvador do Congo, onde serviu os seus oito primeiros annos de missão, prestando muito bons serviços á



O altar-mór da igreja de Nossa Senhora do Carmo (Loanda).

nossa acção religiosa e politica no Congo, e sendo, ainda hoje, o seu nome lembrado com saudade por aquelles povos.

Serve actualmente a parochia do Carmo, erecta na igreja do extinto convento de Santa Theresza, que data dos fins do seculo XVII, notavel pelos seus azulejos azues e brancos, cheios de luz, replectos da nossa antiga arte, tão portuguesa e tão expressiva. O tecto ostenta magnificos quadros em pintura delicada, hoje já roidos pela acção do tempo e que difficil será reconstituir na sua belleza primitiva. Uma photographia representa o altarmór, com a imagem benevolente da Senhora do Carmo, tão querida da maior parte da população de Loanda.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Sede — Lisboa. Largo S. Julião
9-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot.
o Maior. —Agente em Braga, Amares, Povoas
de Lanhoso, Terras de Boure e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer. Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexa ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA